

# O ritual de posse presidencial e os “hacks” do povo

*The presidential inauguration ritual and the "hacks" of the people*

Juliana da Silveira<sup>1</sup>

Universidade do Sul de Santa Catarina/PPGCL/Instituto Ânima

♦ **RESUMO:** Esse artigo tematiza a relação entre política e tecnologia, a partir da análise discursiva materialista de imagens da posse de Luís Inácio Lula da Silva, no ano de 2023, marcada pela quebra do ritual, devido à ausência do ex-presidente na cerimônia. Busca-se compreender o modo como as diferentes materialidades significantes em jogo articulam-se a partir de processos históricos e tecnológicos que, nos espaços enunciativos informatizados, atribuem sentidos determinados para *povo*, *representante* e *democracia*. Recorta-se, ainda, imagens de outras posses presidenciais, buscando compreender, de modo mais geral, o modo como o povo é/ou não distribuído nesses rituais.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Posse presidencial. Povo. Democracia representativa. Análise de Discurso. Materialidade(s).

♦ **ABSTRACT:** This article discusses the relationship between politics and technology, from the analysis of the materialistic discourse of the images of the inauguration of Luís Inácio Lula da Silva in 2023, marked by the absence of the former president at the ceremony. We seek to understand how the different significant materialities at stake are articulated from historical and technological processes that, in computerized enunciative spaces, assign certain meanings to people, representation and democracy. Images of other presidential inaugurations are also shown, seeking to understand, more generally, how people are/are not distributed in these rituals.

♦ **KEYWORDS:** Presidential inauguration. People. Representative democracy. Discourse analysis. Materiality(s).

## Introdução

*“...levar até às últimas consequências a interpelação ideológica como ritual supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: “uma palavra por outra” é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho”. (Michel Pêcheux, [1982] 1990).*

No dia 1 de janeiro de 2023, muitos de nós acompanhávamos, de variadas maneiras, a cobertura midiática da cerimônia de posse de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), eleito presidente do Brasil no pleito de 2022 pelo terceiro mandato não consecutivo.

<sup>1</sup> Doutora em Letras (UEM). Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), pesquisadora do Instituto Ânima. e-mail: julianasilve@gmail.com.

Como todos no país certamente puderam ouvir, ler e ver, fato exaustivamente midiático, foi a primeira vez na história que um presidente eleito recebeu a faixa presidencial das “mãos do povo”. Esse acontecimento é marcado significativamente por uma quebra no ritual, devido à ausência do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que se negou a participar da cerimônia, o que fez com que o rito fosse reconfigurado para garantir o momento de passagem de faixa ao novo presidente. É justamente a ausência de um dos representantes do povo – eleito no pleito anterior – que irá inaugurar um lugar outro para o povo nessa cerimônia.

É importante lembrar que a conjuntura política em que o evento acontece é marcada por um momento de tensão particular, uma vez que, desde que a vitória de Lula foi anunciada, uma parcela da população questionava, nas ruas e nas redes, a confiabilidade da urna eletrônica, pedia intervenção militar e fazia circular dizeres que pretendiam anular o resultado eleitoral sempre articulando sua posição a uma “vontade popular”. Essa tensão culminaria, após a posse, na tentativa de invasão do Palácio do Planalto protagonizada por esses grupos no dia 8 de janeiro de 2023.

Foi acompanhando a cobertura política e midiática da posse de Lula que comecei a me interessar pela relação que ia se estabelecendo entre as imagens da posse e sua circulação no digital associada aos significantes *povo*, *representante* e *democracia*.

As análises são sustentadas pelas noções discursivas de normatização técnica (GALLO e SILVEIRA, 2017), materialidade técnica (PEQUENO, 2020), materialidades significantes<sup>2</sup> (LAGAZZI, 2011) e espacialização do dizer (ADORNO, 2015); noções que temos procurado articular na construção de um dispositivo teórico-analítico para a discussão de Espaços Enunciativos Informatizados, no âmbito do Grupo de Estudos da Materialidade Digital<sup>3</sup>.

### **As posses presidenciais em Brasília e as falhas no ritual**

A cerimônia da posse presidencial é organizada espacialmente distribuindo os lugares de cada um de acordo com as diferentes esferas de poder: presidentes, vices, primeiras damas, presidentes do Senado e do Congresso, oficiais do exército, povo, seguranças e muitos outros personagens ganham lugares determinados que metaforizam a nossa estrutura social.

Um dos ritos significativos da posse é aquele em que o povo aparece na cena. Ele ocorre quando o presidente eleito, já empossado, faz o seu “discurso à nação”. É o momento em que o presidente faz seu “primeiro pronunciamento ao povo brasileiro” que, em Brasília, ocorre no púlpito conhecido como parlatório. Para que o ritual se concretize, é preciso, pois, que o *povo*, ouvinte, esteja aí minimamente representado.

Antes da cerimônia do “Discurso à Nação!”, na qual quem tomará posse se dirigirá ao “povo”, é previsto um momento solene e sempre muito aguardado, a ocasião em que o eleito sobe a rampa e, no topo, é recebido pelo chefe de estado em exercício que passa a faixa presidencial para o presidente eleito. Após a passagem da faixa, o agora empossado acompanha aquele que desocupa o cargo até a entrada principal do

---

<sup>2</sup> "A materialidade significativa demanda por sentidos na contradição das determinações históricas. Isso significa tomar as relações sociais fora de uma busca por soluções pacificadoras, considerar o social em suas diferenças constitutivas. Na constante pergunta pela contradição reside meu investimento analítico sobre o funcionamento do social na imbricação material significativa". (LAGAZZI, 2011, 279)

<sup>3</sup> O Grupo de Estudos da Materialidade Digital congrega pesquisadores, professores e estudantes, dos Grupos de Pesquisa Produção e Divulgação do Conhecimento, coordenado por Solange Gallo (UNISUL), e Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos – GEPOMI, coordenado por Juliana da Silveira (UNISUL) e Edson Carlos Romualdo (UEM).

Palácio do Planalto, despedindo-se deste, que deve descer a rampa e ir embora. Só depois de se despedir do mandatário anterior é que o novo presidente falará à nação no rito que reserva um lugar aos cidadãos presentes.

A cerimônia de posse, no entanto, vem historicamente sofrendo deslocamentos e modificações significativas que dizem respeito a processos históricos e tecnológicos que colocam em cena disputas pelos sentidos de democracia e que, me parece, estão particularmente materializados em composições imagéticas heterogêneas nas quais um conjunto de cidadãos comparece, em diferentes rituais de posse, ocupando o lugar do povo.

Em 2019, a partir do acesso a material audiovisual do Arquivo Nacional, o jornal digital *Metrópoles* produziu uma matéria comentando vídeos e fotografias das posses de presidentes que ocorreram desde a fundação de Brasília<sup>4</sup> até a solenidade de posse de Michel Temer (PSDB), em 2016, que assumiu o cargo definitivamente, após o golpe que resultou no *impeachment* de Dilma Rousseff (PT). A matéria enfatiza a relação das imagens e o modo como elas “revelam também a relação dos titulares do Palácio do Planalto com a população”.

Olhar para o conjunto das imagens do Arquivo Nacional permite ver a relação das tecnologias de imagem com a histórica política do país. Ao mesmo tempo em que os processos históricos de cada ritual de posse demandam uma relação específica com a noção de legitimidade para a posse do cargo (de acordo com os regimes, essa legitimidade será referida como reconhecida pelo povo ou, como ocorre no caso das eleições diretas, conferida pelo povo) eles também se organizam e se mostram a partir dos equipamentos fotográficos ou de filmagem que registravam de um modo e não de outro as figuras do poder. Neste acervo, vemos, por exemplo, que a primeira cerimônia de posse, em Brasília, ocorreu em janeiro de 1961, quando o fundador da cidade, Juscelino Kubitschek, entregou a faixa verde-amarela para Jânio da Silva Quadros, eleito com 5,6 milhões de votos.

Na figura 1, temos, à esquerda, uma fotografia, em preto e branco, que registra a primeira vez que um presidente eleito sobe ao parlatório em Brasília para fazer o Discurso à Nação. E, na fotografia à direita, uma captura da população que acompanhava a cerimônia, dando destaque a um quadro emoldurado com a imagem do presidente eleito.

---

<sup>4</sup> Uma análise mais pormenorizada desse material está sendo realizada no contexto de uma pesquisa maior da qual faz parte este artigo. De todo modo, convido as leitoras deste texto a visitar o acervo reunido na matéria disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/posses-dos-presidentes-em-brasilia-historia-em-fotos-audios-e-videos>.

Figura 1 - Posse de Jânio da Silva Quadros (janeiro de 1961)



Fonte: Silva (2019).

O modo como essas fotografias e vídeos mostram a cerimônia também tem a ver com as mídias pelas quais essa captação foi transmitida e a qualidade e tecnologia que os equipamentos fotográficos e de vídeo oferecem em cada um dos momentos históricos retratados.

É o caso das fotografias apresentadas na figura 2, na sequência, que retratam a participação ainda mais controlada da população no cerimonial da posse, no período da ditadura.

Na fotografia à esquerda, registrada durante a posse do Marechal Artur da Costa e Silva, em 15 de março de 1967, destaca-se a pequena quantidade de pessoas na frente do parlatório que, mesmo com o enquadramento fotográfico fechado, ainda denuncia um número pequeno de pessoas e a existência dos espaços vazios entre elas. Já na fotografia à direita, da posse do general Emílio Garrastazu Médici, em 15 de março de 1969, percebe-se que também é quase inexistente a presença da população, sendo possível observar que o gramado à frente do Palácio do Planalto está vazio e as figuras dos militares dominam a imagem.

Figura 2 - Posses dos militares, Marechal Artur da Costa e Silva (março de 1967) e de Emílio Garrastazu Médici (março de 1969)



Fonte: Silva (2019)

Não pretendo aqui fazer referência a todas as imagens de posse do Arquivo Nacional, gostaria apenas de descrever que elas apresentam uma organização do ritual de posse mais ou menos estabilizado que coloca os líderes políticos e o povo em evidência, mas sempre de forma dissimétrica. Isso porque, nessa espacialização<sup>5</sup> do dizer, o povo é sempre colocado no lugar de público ouvinte e, em geral, está separado dos líderes políticos por cercas e/ou barreiras policiais.

É possível afirmar, a partir da comparação entre as imagens do arquivo e as aquelas que circulam na *Internet*, das últimas posses presidenciais, que nos últimos governos, essa presença do povo vai ganhando outros enquadramentos que se constituem tanto a partir de normatizações discursivas quanto técnicas.

Figura 3 - Posses de Luís Inácio Lula da Silva (janeiro de 2003 e de 2007)



Fonte: Silva (2019)

<sup>5</sup> A espacialização da fotografia aqui está sendo pensada na relação com sua circulação nos espaços enunciativos informatizados. Mais especificamente nos espaços digitais essa noção é compreendida considerando que há uma dimensão tecnológica que determina a leitura. Conforme Adorno (2015, p. 45), essa determinação tem relação com o “gesto de interpretação do(s) programador(es) da página virtual ao estabelecer os mecanismos que movimentam o (não) acesso aos elementos significantes”. Um gesto que ao separar e ligar significantes de uma maneira dada, pela espacialização na tela e por *clicks*, produz leituras possíveis”.

Nas imagens referentes ao dia da posse dos dois primeiros mandatos de Luís Inácio Lula da Silva, por exemplo, teremos fotografias em que a população presente no local será enquadrada de modo a produzir efeitos de proximidade entre o eleito e a população, sendo captada de um ângulo que coloca a população atrás do presidente, mais ou menos no mesmo plano.

Figura 4 - Posse Jair Messias Bolsonaro (janeiro de 2019)



Fonte: Veja (2019)

A fotografia à esquerda da figura 4 marca um período em que as imagens capturadas por drone começam a se popularizar, sendo usadas nas circulações digitais como argumento que comprovaria a quantidade real de pessoas em um lugar, tendo em vista os recortes e enquadramentos feitos em solo ou em sistemas de edição. Essas imagens têm sido bastante eficientes em provar ou desmentir o apoio popular a esse ou aquele político ou partido.

Se historicamente a cerimônia de posse vai ganhando mais participação popular, também é possível dizer que ela será vista sob outros ângulos em função das tecnologias de captação e dos processos de midiaticização que atuam como fator de normatização técnica e discursiva na própria organização de elementos, figuras e personagens que participam desse ritual.

A partir de Gallo e Silveira (2017, p.171), passamos a compreender a normatização técnica como sendo constitutiva dos processos de interlocução que “[...] com base material digital, estão determinados por parâmetros formais normatizadores (técnicos/enunciativos/discursivos), próprios do digital”, como por exemplo, as tecnologias de processamento de dados e as tecnologias de imagem que produzem uma injunção à quantidade como norma reguladora. Essa perspectiva vai ao encontro da consideração de Pequeno (2020, p.279) de que “a discursividade do enunciado é determinada por mais do que a materialidade da história e da língua”. Também faz parte do jogo a materialidade de suas formas concretas de circulação”, ou seja, a sua materialidade técnica.

Recorro, aqui, à análise de Beiguelman (2021) a propósito da relação entre imagem e política na contemporaneidade. Para a autora, a relação não é nova, mas hoje ela é de outra ordem.

Mais que lugar e meio de transmissão de ideias e linguagens, a imagem é o próprio campo das tensões políticas. É na Imagem, e não a partir dela, que os embates se projetam socialmente. Na explosão de fotos, vídeos e muitos memes que desembocam rapidamente nas redes, a imagem se converte em um dos territórios de disputa mais importantes da atualidade. Bolsonaro e seus apoiadores introjetaram rapidamente essa dinâmica, um dos ingredientes mais importantes de sua receita de sucesso rumo ao Palácio do Planalto, calibrados pelas redes sociais. Que o digam os manifestantes bolsonaristas gritando “Facebook, Facebook, WhatsApp, WhatsApp!” na Esplanada dos Ministérios, no dia 1º de janeiro de 2019 (BEIGUELMAN, 2021, p. 92).

Como vemos, desde esse período, as posições e disputas pelos lugares de poder no espaço enunciativo da posse presidencial já passavam por abalos significativos. Esse “enunciado de tipo novo”<sup>6</sup>, remetendo aos nomes de empresas de tecnologia, emerge entre a população presente na posse de Bolsonaro, materializando as tensões vividas no confronto midiático entre a política, a imprensa tradicional e as plataformas digitais.

### **Imagens do povo e(m) suas circulações digitais**

Depois do último processo eleitoral, sabe-se que os resultados dos pleitos na democracia representativa brasileira já não possuem sentidos tão estabilizados. A despeito da multiplicação e da invenção dos mecanismos tecnológicos (que atuariam enfim como forma a garantir maior veracidade aos movimentos políticos?) uma série de disputas vão se estabelecendo a partir dessas imagens rumorais (SILVEIRA, 2021) e, a todo momento, elas ocupam parte central nas disputas políticas atuais. Aliás, em grande medida, essa centralidade está assentada no imaginário de que imagens são menos passíveis de contestação do que as palavras ditas no campo da política. Fato e palavra e fato e imagem não têm, no imaginário contemporâneo, o mesmo estatuto.

Quanto mais se fala em fatos, mais eles se desvanecem. Na volatilização das interpretações. Interpretações voam para todos os lados, embora estejamos sempre mergulhados em um oceano de repetições, que nos leva à ilusão de que nada se mexe. Mas há muita andança no meio das repetições. Em outras palavras, a interpretação é sujeita a uma variação que não se controla. [...] Afirmar esta pluralidade possível de sentidos, múltiplas versões, mesmo que vindas da repetição, não significa que se esteja atravessando o imaginário, que não se esteja na diluição do real. Continuamos na volatilidade de interpretações (ORLANDI, 2021, p. 4).

Considerando esse modo de funcionamento que relaciona fato, imagens e palavras diferentemente, antes de passar à análise da cerimônia de posse do Lula, é preciso descrever, ainda que brevemente, os confrontos discursivos que dizem respeito ao processo eleitoral de 2022. Esse confronto, para usar as palavras de Pêcheux (2006, p. 20), se dá por “[...] um imenso trabalho de formulações (retomadas, deslocadas, invertidas, de um lado a outro do campo político) tendendo a prefigurar discursivamente o acontecimento, a dar-lhe forma e figura, na esperança de apressar a sua vinda [...] ou de impedi-la”.

Interessa pensar, a partir daqui, os diferentes enquadramentos tecnológicos que imbricam, sujeitos e dados, sujeitos e fotogramas, sujeitos e textos, sujeitos e algoritmos

<sup>6</sup> Um exemplar deste momento pode ser visto neste link: <https://twitter.com/JotaInfo/status/1080111070516334593?s=20>

e que vão produzindo sentidos que determinam e são determinados pelo esgarçamento social do sistema democrático atual.

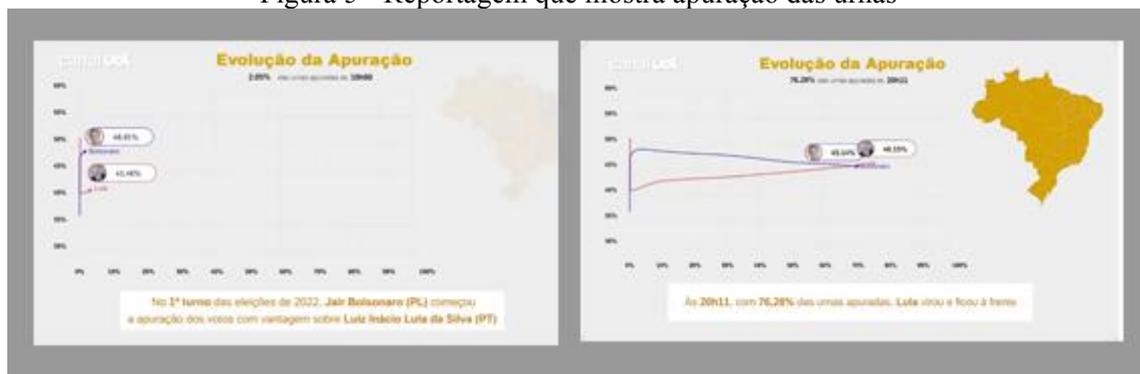
### O povo em dados, .jpg e .txt

O acompanhamento da apuração eleitoral em 2022 pode ser considerado um desses confrontos discursivos que antecederam o momento da cerimônia de posse. Nessa conjuntura, as imagens do povo em processos eleitorais digitais também vão ganhando outras configurações.

Destaca-se as inúmeras discussões anteriores à apuração que procuravam antecipar não só o resultado, mas também quem sairia na frente, até que horas ou minutos apoiadores do candidato Lula deveriam esperar para que os números das urnas “virassem” a seu favor. Nesse período, abundavam análises que comparavam os pleitos anteriores, se debruçavam sobre dados estatísticos que acumulariam informações sobre a intenção de votos por regiões do país, comentários de canais políticos que debatiam por vários minutos ou mesmo horas as chances de uma virada de um ou outro candidato no momento x ou y. Todo esse cenário contribuiu para que, no dia da apuração, eleitores relatassem, em seus perfis digitais, a ansiedade sobre o resultado final<sup>7</sup> que, em grande medida, se relacionava com essas leituras prévias de técnicos e especialistas sobre o processo da apuração. E, no dia da apuração, ao mesmo tempo que os resultados iam se materializando nas telas, uma quantidade gigantesca de comentários cobriam o evento político nacional.

Diferentes veículos de mídia, em *links* distintos, apontavam para os sistemas que dariam visibilidade à contagem das urnas eletrônicas. Na figura 5, a seguir, destaca-se a apuração exibida pelo canal UOL, mas havia muitos outros que, igualmente, puxavam dados do *software* do TSE, tornando não só possível como amplamente midiaticizado o acompanhamento da apuração, tensionado pelas formulações prévias já citadas acima.

Figura 5 - Reportagem que mostra apuração das urnas

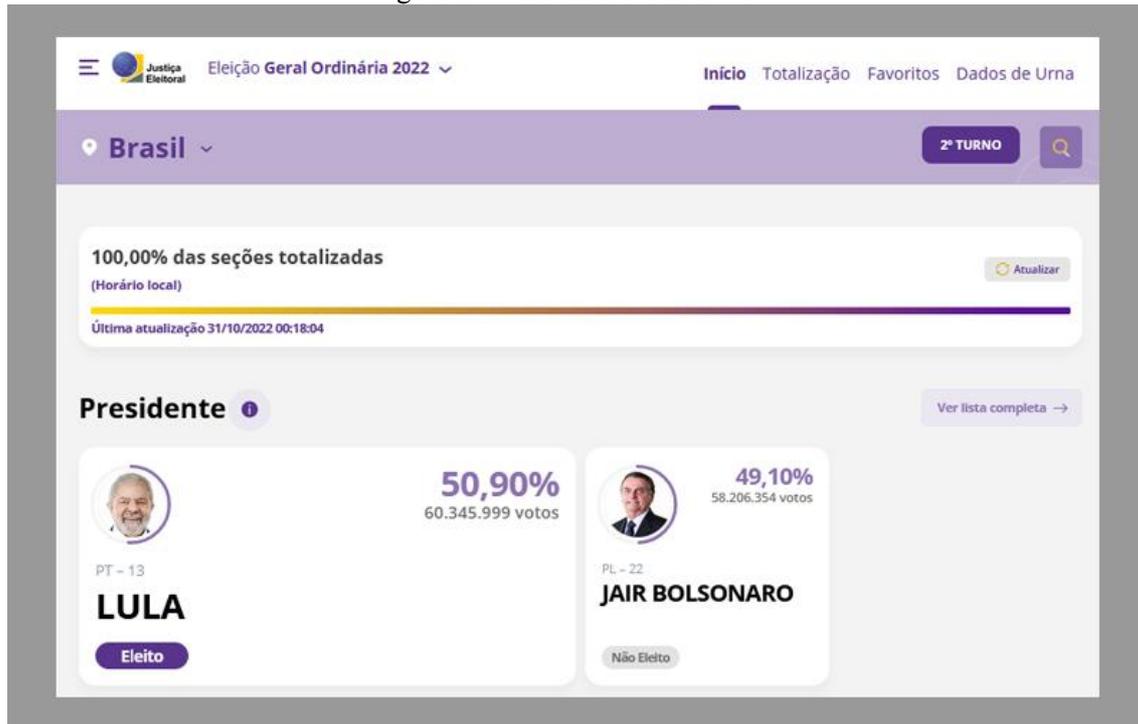


Fonte: UOL News (2022)

Outra tela, agora já com a apuração das urnas finalizadas, mostra da seguinte maneira o resultado final da votação:

<sup>7</sup> Disponibilizo, aqui, o link de uma busca no *Twitter* que aponta para tais formulações nesse espaço e que dá conta, um pouco, de mostrar o momento tenso vivido, visto e narrado pelo conjunto da população. [https://twitter.com/search?q=\\*apura%C3%A7%C3%A3o%20\\*virada%20\\*lula&src=typed\\_query&f=live](https://twitter.com/search?q=*apura%C3%A7%C3%A3o%20*virada%20*lula&src=typed_query&f=live)

Figura 6 - Resultado eleitoral 2022



Fonte: TSE (2022)

Para quem acompanhou a apuração *on-line*, é inegável o quanto a urna eletrônica e o sistema de votação brasileiro estabeleceu sentidos muito singulares entre o eleitor e as eleições: discussões sobre características locais ou regionais, cruzamento dos números da apuração com coberturas midiáticas e imagens chegando de diferentes regiões via *WhatsApp*, todas as telas e os aparelhos do país voltados para a vigilância do processo eleitoral: *apps* de denúncia, grupos de família, vídeos das filas, das discussões em boca de urna.

Todos esses aparelhos e *softwares* atuam como instrumentos que não apenas cobrem uma disputa (a partir deles filma-se e compartilha-se coberturas variadas das eleições, grava-se crimes eleitorais nas ruas etc.), mas fazem parte da disputa (são disputados por tentativas de bloqueios de contas, suspensão de conteúdos etc.), atuam como interlocutores dos eleitores (por funcionamento de robôs, algoritmos de recomendação etc.).

Chama a atenção aqui o quanto a política no desenvolvimento atual da *Internet* pode ser pensada sem levarmos em conta os processos de dataficação da vida.

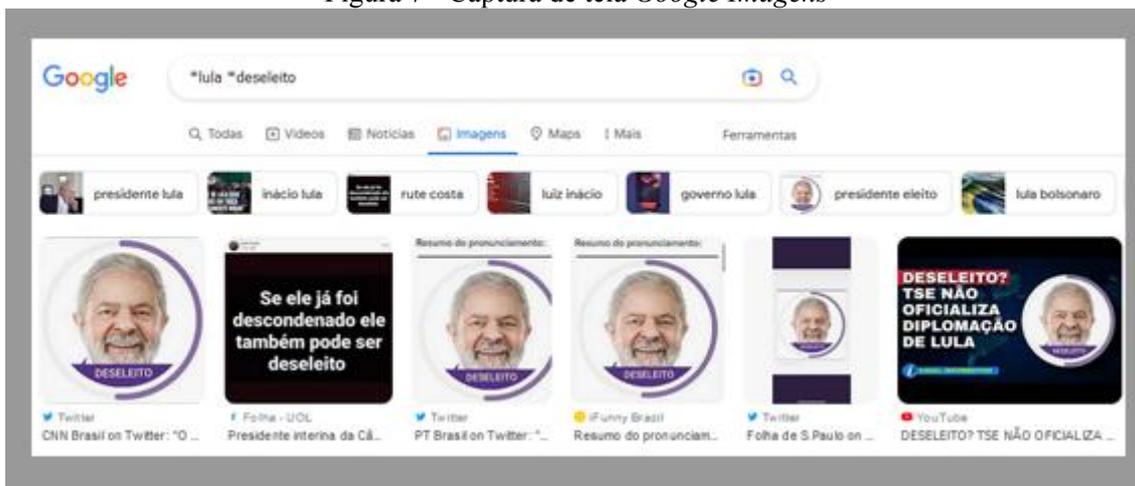
A dataficação se dá no rastreamento das relações sociais mediadas por plataformas digitais e como “requisição” do mundo sob a forma de dados operacionalizáveis em dois amplos domínios: a natureza e o conhecimento. A primeira forma de requisição é produzida pela retirada de minério e energia para a produção de equipamentos e para alimentar a captura, o tratamento, a circulação de dados. A segunda é a tradução do mundo em dados, gerando uma algocracia epistocrática que pode decidir sobre o conhecimento e a gestão da coisa pública (LEMOS, 2021, p. 193).

Todos esses mecanismos, imbricados na história política do país, desestabilizam os sentidos de “eleito” e “não eleito”, ainda que eles apareçam na tela do site do TSE com a sua assinatura sustentando o enunciado com a força da lei.

O efeito-leitor que vai se estabelecendo, no entanto, é cada vez mais o de um enunciado dividido. Eleito por quem? Como? Onde?<sup>8</sup>

Nesse contexto, uma imagem meme muito recorrente nos espaços enunciativos informatizados é justamente uma montagem feita a partir da tela de resultados do TSE, mas modificada digitalmente, invertendo o resultado. Uma busca simples por imagens no *Google* nos retorna a esse meme já nos primeiros resultados (conforme Figura 7, a seguir).

Figura 7 - Captura de tela *Google Imagens*



Fonte: feita pela autora (2023)

As formulações que circularam logo após a divulgação do resultado final permitem olharmos mais de perto para esses deslocamentos, perseguindo as imagens de povo que se (re)produzem pela via do questionamento dessa apuração.

No contínuo das interlocuções, que se historicizam nos espaços enunciativos informatizados ou, em outras palavras, na linha do tempo da política digital(izada), é possível visualizar facilmente o deslocamento de enunciados políticos mobilizados num contínuo histórico dos últimos movimentos políticos do país, com suas diversas palavras e *hashtags*, indo de: “o povo nas ruas”, “o povo acordou” para o “o povo tá on”.

Uma busca pelo significante *\*deseleito \*lula \*povo* no *Twitter* nos leva para a relação que esses significantes vão estabelecendo em formulações de tuítes de perfis ordinários neste espaço enunciativo. Dessa busca, destaco alguns tweets exemplares.

<sup>8</sup> O fato de que o TSE tenha que publicar artigo explicando as regras de votação das eleições majoritárias no Brasil é decorrente, em grande parte, desse efeito-leitor. O artigo se intitula “A legitimidade das eleições majoritárias no Brasil” e foi escrito como resposta aos brasileiros que solicitavam a anulação das eleições em decorrência do número de votos nulos no segundo turno. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/institucional/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-1-ano-3/a-legitimidade-das-eleicoes-majoritarias-no-brasil>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Figura 8 – Tela captura do *Twitter*

Fonte: Twitter (2023)

O fio discursivo que remete às formulações em torno do significante *deseleito* no *Twitter* permite perceber que uma parcela significativa desses tuítes articulavam a *deseleito* e *povo* um enunciado que, entre muitos, vai pegar: *não sobe a rampa!*

Não pretendo, aqui, analisar a circulação desse enunciado especificamente, mas é importante salientar que ele será um elemento importante no conjunto das formulações descritas até agora e que foram fortalecendo sentidos que, em grande medida, enfraquecem não só a força política de Lula, mas, principalmente, a legitimidade tanto das eleições quanto do sistema eleitoral brasileiro, sobretudo nas figuras do STF e TSE.

### **Democracia representativa, a posse de Lula e os *hacks* do povo**

Apesar de toda essa circulação de formulações visando alterar o resultado das urnas, no dia 1 de janeiro de 2023, Lula sobe a rampa, e a cerimônia de posse é midiaticizada e amplamente (com)partilhada no Brasil e no mundo.

Quanto mais telas tornam o evento político visível, mais suas fronteiras ficam nubladas, afinal, ele se realiza já, como vimos, carregado de interpretações. Os sentidos sobre(voam) a cena. Quanto mais o povo se materializa nas telas, mais se exige o reposicionamento dos corpos presentes nas cerimônias de posse e, nesse caso específico, mais corpos são convocados para preencher os pátios e jardins do Congresso Nacional e dos Palácios do Planalto e do Itamaraty.

Vejam, inicialmente, na Figura 9, duas imagens da posse que, do conjunto de imagens que circularam, estão em relação parafrástica com os registros de cerimônias anteriores.

Figura 9 - Captura de tela feita pela autora



Fonte: *Google Imagens*.

Nas duas fotografias, vemos imagens da população na frente do parlatório. A busca por imagens da posse mostram o gramado na frente do Palácio de diferentes ângulos e a partir de capturas realizadas em diversos horários. O excesso de fotos e a sua circulação, no entanto, vão colocar as imagens deste dia em confronto com elas mesmas, dependendo do modo como são captadas nas conversações. Os ângulos aéreos feitos de drones capturam nosso olhar de modo arrebatador, parece que nunca se viu tanta gente assim, em estado de multidão, na frente do Palácio. Mas essas imagens em sua circulação fragmentada, deslocada, invertida confeririam à posse a força enunciativa necessária para, nessa conjuntura, costurar e fortalecer o tecido roto da democracia representativa no cenário político brasileiro atual?

As imagens da população tomando conta dos gramados de Brasília não são, nessa posse, as mais comentadas, divulgadas, compartilhadas. Há outra imagem que, em diferentes formas de captura, irá chamar a atenção. Ela diz respeito a outro momento do ritual, o momento no qual o presidente eleito sobe a rampa e recebe a faixa presidencial.

Foi no perfil *@lulaoficial* no *Instagram* que busquei a imagem deste momento feita pelo fotógrafo de Lula, Ricardo Stucker, uma fotografia que ganhou as páginas dos jornais brasileiros e mundiais, tendo sido compartilhada por um número incontável de outras páginas e perfis. A opção por recortá-la deste espaço enunciativo informatizado não é aleatória, ela se dá pelo fato de que o *Instagram* é, no ano de 2023, um dos espaços privilegiados para a divulgação de fotos, vídeos e imagens que, depois do *Twitter*, tem maior adesão de atores políticos importantes.

Na descrição textual da fotografia de Ricardo Stucker, publicada no perfil de *@lulaoficial*, o povo é referido como aquele que ocupa o lugar vazio deixado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Ele está aí para cumprir o papel de, em nome do povo, passar a faixa ao novo representante, eleito pela própria população. Na descrição, há, portanto, um direcionamento dos sentidos da imagem do “povo” como aquele que representa a decisão da maioria de brasileiras/os na escolha de quem iria ocupar, a partir dali, a posição de presidente: “‘pelas mãos do povo brasileiro’, Lula diz receber a faixa para cumprir o papel a ele designado de “cuidar de todos”.

Figura 10 – Captura de tela feita pela autora



Fonte: *Instagram*, @lulaoficial (2023).

A figura 11, que registra o momento histórico em que a subida da rampa passa a ser ocupada por corpos nunca presentes nessa etapa e lugar do ritual, tem sua força enunciativa no fato de que tais corpos podem ser lidos como tendo sido destacados de dentro da multidão indistinguível que ocupa o fundo da fotografia.

Figura 11 - Fotografia oficial da posse.



Fonte: Ricardo Stucker, *Flickr* (2023).

Sabemos, pois, que nenhum desses corpos que aí se destacam foram aleatoriamente selecionados. A seleção tem a ver com a história de lutas e disputas desses corpos e suas imagens, corpos que lutam para sair da invisibilidade.

São esses os corpos que se destacam porque eles têm relação direta com um imenso trabalho técnico de leitura das escrituras cotidianas que o poder operacionaliza.

Ele tem relação com o fato de que, localizados e segmentados pelo digital, esses corpos viraram alvo fácil do poder ao mesmo tempo em que o enfrentaram.

Eis agora o povo que se apresenta com seus múltiplos rostos: eles são recortados da multidão [...]. O arquivo nasce da desordem, por menor que seja; arranca da obscuridade longas listas de seres ofegantes, desarticulados [...] emergem um dia da multidão compacta, fígados pelo poder que os perseguiu em meio à sua agitação habitual, ou porque estavam aonde não deviam, ou porque eles próprios decidiram transgredir e chamar a atenção, ou talvez ser nomeados, enfim, diante do poder [...] (FARGE, 2017, p. 31)

Em seus múltiplos ângulos, a imagem que compõe a Figura 11 é atravessada por sentidos que remetem a disputas e confrontos que não cessam de se multiplicar. Eis aí a imagem do povo *hakeada*<sup>9</sup>, ela baixa figuras que se destacam nas redes como influenciadores de determinados grupos, como sujeitos ordinários que se destacaram em ações sociais ou, simplesmente, vivem sua vida de trabalhadores comuns, ao mesmo tempo em que essa imagem responde a ataques sofridos, vindos do governo anterior, que não os representaria.

Para ocupar o lugar vazio deixado pelo ex-presidente, os escolhidos entre o povo não deveriam ocupar o seu lugar no alto da rampa? Se Lula sobe a rampa com os representantes do povo, que lugar é o dele na imagem? E se o povo sobe a rampa com o seu representante, qual é o lugar desses corpos na imagem? Pode o povo ocupar dois lugares diferentes na cerimônia?

A reconfiguração dos lugares na subida da rampa produzirá uma série de formulações que, sobretudo na imprensa, vai fazer com que os significantes povo e representante(s) se desloquem sintaticamente nas capas de diferentes jornais que noticiavam o acontecimento. Entre elas, destacamos, na Figura 12, algumas recortadas da primeira página do resultado de busca por notícias do *Google*, a partir do comando: \*povo \*representantes \*rampa<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Gostaria, aqui, de lembrar que *hakear* é um verbo que designa ações que não são a priori maléficas. Na linguagem computacional, há o chamado *haker* do bem, que seria o técnico especialista em informática que tem por objetivo encontrar as vulnerabilidades em um sistema e buscar solucionar o problema de forma rápida, não usual, visando alcançar um resultado eficiente na defesa de um determinado sistema. A ambiguidade deste significante é, portanto, bastante adequada para a leitura proposta neste texto.

<sup>10</sup> Link da busca:  
[https://www.google.com/search?q=\\*povo+\\*representantes+\\*lula+\\*rampa&rlz=1C1GCEB\\_enBR894BR894&source=lnms&tbn=nws&sa=X&ved=2ahUKewibjpKU-rj-AhWTqpUCHVsqaXcQ\\_AUoAnoECAEQBA&biw=1366&bih=625](https://www.google.com/search?q=*povo+*representantes+*lula+*rampa&rlz=1C1GCEB_enBR894BR894&source=lnms&tbn=nws&sa=X&ved=2ahUKewibjpKU-rj-AhWTqpUCHVsqaXcQ_AUoAnoECAEQBA&biw=1366&bih=625).

Figura 12 – Captura de tela feita pela autora.

G1 G1

### Saiba quem são os representantes do povo brasileiro que entregaram a faixa para Lula

Representantes de grupos sociais e a cachorra "Resistência" subiram a rampa do Palácio do Planalto com Lula e Janja na cerimônia de posse.

1 de jan. de 2023



CB Correio Braziliense

### Veja quem são os representantes do povo brasileiro que subiram a rampa com Lula

Oito representantes de grupos sociais passaram a faixa presidencial ao presidente. O petista tomou posse neste domingo, 1º de janeiro.

1 de jan. de 2023



EC Extra Classe

### Lula recebe a faixa presidencial das mãos de representantes do povo

Emocionado, Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que governará para todos os brasileiros. "Não existe dois Brasis; existe um Brasil"

1 de jan. de 2023



F Folha

### Lula recebe faixa de criança, indígena, negro, mulher, operário e pessoa com deficiência em nome do 'povo brasileiro'

Jair Bolsonaro se recusou a passar a faixa para seu sucessor, desprezando o rito democrático.

1 de jan. de 2023



Fonte: *Google Notícias* (2023)

Se um representante do povo não desce a rampa, tampouco desce com ele os seus representados. No entanto, se o representante do povo sobe a rampa com os representados parece haver aí um fortalecimento do sentido de representação, uma vez que a imagem daria rosto aos 60.345.999 milhões de votos que o processamento das urnas mostrou nas telas de apuração do site do TSE.

No entanto, contraditoriamente, esse deslocamento pode ser pensado como o momento em que algo falha no ritual em que, enfim, o povo é mais um corpo presente na posse, já que ela também materializa um enfraquecimento do próprio sentido de representação, pois agora não basta que o representante eleito receba a faixa verde-amarela, ele precisa compartilhar o seu lugar na rampa que lhe dá acesso ao poder com esses corpos que representam o povo, em sua diversidade. O que significaria, nessa conjuntura, subir mais uma vez a rampa sozinho ou acompanhado apenas de outras figuras políticas? Forças históricas disputam os sentidos que se confrontam na imagem da posse em que o povo sobe a rampa. As condições de produção fazem com que essa imagem materialize a sua própria contradição, que faz com que seja preciso negociar o lugar do representante, dividi-lo, compartilhá-lo, para fortalecê-lo.

Nesse sentido, o lugar do povo nesse rito ainda continua sendo o lugar daquele que elege o seu representante e representa os seus (des)iguais. Na política, vemos enfim, que os lugares tradicionais ainda engendram poderes advindos das posições

hegemônicas. Aqueles que esperam por imagens revolucionárias poderiam se perguntar, ainda, quando poderá o povo ocupar o seu lugar no parlatório?

### Considerações [modo beta]

O recorte teórico-analítico que busquei percorrer neste artigo, permite, espero, entre outras coisas, mostrarmos o quanto o trabalho sobre os sentidos de democracia já apontam para uma mudança no campo da política que, embora ainda não tenha se realizado, já deixa rastros no digital. Embora, em todo o seu simbolismo, a cerimônia de posse de Lula restaura a democracia, em *um certo sentido*, em um sentido que até aqui ainda não havia se realizado, porém, ao mesmo tempo, ela entra na história como uma fotografia digital, a qualidade material dessa democracia não é mais a do mundo analógico.

Na profusão de imagens rumorais que busquei minimamente descrever no espaço deste artigo, ainda faltou tirar muitas consequências do funcionamento técnico e político que afeta a democracia representativa brasileira. A principal delas talvez tenha sido tangenciada pelo meu enfoque na análise da cerimônia de posse do ano de 2023, mas que não deixa de ter sua parcela de responsabilidade nos efeitos descritos até aqui.

As imagens do povo na frente dos quartéis em diferentes regiões do país buscando impedir a posse e mesmo as imagens desses mesmos grupos invadindo Brasília em 8 de janeiro, por exemplo, não foram, aqui, devidamente exploradas analiticamente em toda a sua extensão e implicação. De todo modo, ainda assim considero importante concluir dizendo que também nelas o significativo povo é *hakeado*. Se, de um lado, pode-se convocar imagens de corpos perdidos na multidão como arma na luta pela democracia, sob ataque, de outro lado, o capitalismo de plataforma permitiu captar, prever, mimetizar nossos gestos cotidianamente, atos, lapsos, palavras, comentários, cliques, conversas, piadas, que alimentam as redes e que, a partir de algoritmos opacos, leram os nossos sinais que revelavam um desejo anti-sistêmico que se processava nas “clivagens subterrâneas” do arquivo digital; micro-revoltas lidas, transformadas, moduladas, inculcadas, até tornarem possível forjar novas avatares de povo, multidão, massas digitais/digitalizadas.

Como é fundamental para amarrar boa parte da discussão e considerando que esse item não é necessariamente conclusivo, tomo a liberdade de citar diretamente uma análise com a qual este artigo dialoga.

[...] a extrema direita mundial tenderá, cada vez mais, a operar como força ofensiva anti-institucional de longa duração. Força essa que pode se expressar em grandes mobilizações populares, em ações diretas, em formas de recusa explícita das autoridades constituídas. Ou seja, toda uma gramática de luta que até pouco tempo atrás caracterizava a esquerda revolucionária agora está migrando para a extrema direita, como se estivéssemos em um mundo invertido. [...] em todo processo de insurreição popular ocorre a afirmação de que o povo representado pelo poder não é o povo real. Para os insurgentes, o povo real é aquele que destrói as representações do poder. [...] O poder público não é apenas um conjunto de aparatos de controle e legislação. É um conjunto de sistemas estéticos de apresentação do povo. É a gestão contínua de toda uma série de hinos, canções “populares”, espaços arquitetônicos, pinturas, imagens, poemas, romances que visam não exatamente a “representar” um povo, mas a construí-lo (SAFATLE, 2023, n.p).

Na disputa política que se dá pela circulação das imagens rumorais, tal qual vemos hoje nos espaços enunciativos informatizados, entender a diferença fundante dos processos revolucionários da esquerda e os movimentos insurrecionais da extrema direita que, com base na dataficação da vida, dos rumores sociais que dela fazem parte, captando a insatisfação social generalizada faz com que as transformações políticas revolucionárias se realizem alhures é, nesse contexto, fundamental.

Em 1982, Pêcheux já havia concluído que as classes dominantes com seus “fantasmas audiovisuais” sempre estavam um passo à frente na “[...] arte de fazer marchar as massas, produzindo-lhes o invisível” (PÊCHEUX, [1982] 1990, p.19). Localizar, entre essas circulações, as imagens que o arquivo digital tem produzido do povo é, hoje, não só urgente como também o caminho para passarmos de ritos de representação para ritos de criação de um povo.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Guilherme de Oliveira. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2015. 170 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://11nq.com/CuJy4>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021, 224p.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. 1.ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- GALLO, Solange L.; SILVEIRA, Juliana. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. *In: FLORES, G.B. et al. (orgs.). Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. v. 3. 1. ed., Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 171-194.
- LAGAZZI, Suzy. A imagem em sua potência de captura simbólica. **Revista Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, p. 5890-5902, jun. 2021.
- LAGAZZI, Suzy - Análise de Discurso: A materialidade significativa na história. *In: DI RENZO, A.; DA MOTTA, A.L.A.; DE OLIVEIRA, T.P. (orgs.) Linguagem, história e memória*. Discursos em movimento. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 275- 290.
- LEMO, A. Dataficação da vida. **Civitas: Revista De Ciências Sociais**, [S.l.] v. 21, n. 2, p. 193–202, 2021.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**, [S.l.] v. 2, n. 1, p. 1-15. 2021.
- PÊCHEUX, Michel. (1983). **O Discurso: Estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, (19): 7-24, jul./dez. [1982] 1990.
- PEQUENO, Vitor. **Tecnologia e esquecimento: uma crítica a representações universais de linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2020.



SAFATLE, Vladimir. A hora da insurreição: a extrema direita não está refluindo no Brasil: está entrando em nova fase. **Piauí**, Folha de S.Paulo: São Paulo, 3 mar. 2023. s/p. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/hora-da-insurreicao/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SILVA, Eumano (ed.). Tesouro preservado: arquivos inéditos recontam a história das posses dos presidentes em Brasília. **Metrópoles**. [S. L.], p. 1-1. 3 jun. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/posses-dos-presidentes-em-brasilia-historia-em-fotos-audios-e-videos>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TWITTER. 2019. Disponível em: <  
[https://twitter.com/search?q=\\*deseleito%20\\*lula%20\\*povo&src=recent\\_search\\_click](https://twitter.com/search?q=*deseleito%20*lula%20*povo&src=recent_search_click)>. Acesso em: 18 maio. 2023.

TSE. **Eleição Geral Ordinário 2022**: 100% das seções totalizadas. 100% das seções totalizadas. 2022. Disponível em:  
<https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>. Acesso em: 20 abr. 2023.

UOL NEWS. Lula x Bolsonaro: veja como foi a virada na apuração dos votos do 1º turno das eleições de 2022. Youtube, 2022. 1 vídeo (5min15s). Disponível em:  
<https://youtu.be/jALA0E6KrcY>. Acesso em: 20 abr. 2023.

VEJA. Posse de Bolsonaro tem público abaixo do esperado. São Paulo, 1 jan. 2019. Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/posse-de-bolsonaro-tem-publico-abaixo-do-esperado/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

**Recebido em:** março de 2023.

**Aprovado em:** maio de 2023.

**Como citar este trabalho:**

---

SILVEIRA, J. da. O ritual de posse presidencial e os “*hacks*” do povo. **Traços de Linguagem**, v. 7, n. 1, p. 23-40, 2023.

---